

# A enunciação em perspectiva: aspectos metodológicos a partir de uma leitura de “O aparelho formal da enunciação”

Enunciation in perspective: methodological aspects based on a study of “The formal apparatus of enunciation”

DOI 10.20396/lil.v26i51.8671803

Valdir do Nascimento Flores<sup>1</sup>  
UFRGS/CNPq

## Resumo

O texto busca apresentar uma reflexão sobre a dita “teoria enunciativa” atribuída ao linguista Émile Benveniste (1902–1976), tomando por base o artigo seminal “O aparelho formal da enunciação”, de 1970. Esse artigo de Benveniste, por ser o último por ele publicado, reúne os mais de quarenta anos de reflexão sobre a enunciação, o que o promove a um momento síntese da chamada “teoria enunciativa” de Benveniste, permitindo encontrar, de maneira condensada, discussões feitas em textos anteriores. Faz-se inicialmente uma análise de documentação exogenética do artigo para, em seguida, apresentar as grandes linhas de reflexão que norteariam uma visada metodológica do texto.

**Palavras-chave:** Enunciação, Aparelho formal da enunciação, Análise enunciativa.

## Abstract

The text seeks to present a reflection on the so-called “enunciative theory” attributed to linguist Émile Benveniste (1902–1976), based on the 1970 seminal article “The formal apparatus of enunciation”. Since it is the last article published by Benveniste, it converges his more than forty years of reflections on enunciation, which means it represents the moment when Benveniste’s so-called “enunciative theory” is synthesized, allowing one to find condensed discussions made in previous texts. Initially, we analyze the exogenetic documentation of the article to then present the main lines of reflection that guide a methodological approach to the text.

**Keywords:** enunciation, formal apparatus of enunciation, enunciative analysis.

---

<sup>1</sup> Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Professor convidado na École Normale Supérieure - Paris/França.



## Introdução

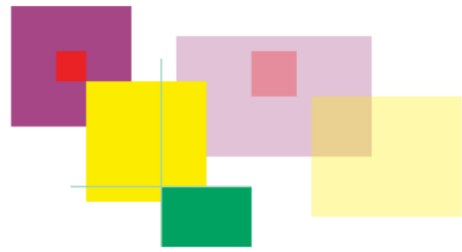
É sabido que Émile Benveniste (1902–1976) deve parte de sua notoriedade na história da linguística ao fato de ser considerado o grande introdutor da ideia de “enunciação” nos estudos linguísticos, reconhecimento este que, não raras vezes, divide com autores como Roman Jakobson (1896–1982) e Charles Bally (1895–1947). Inúmeras são as fontes que poderiam facilmente corroborar a proeminência de Benveniste no campo dos estudos enunciativos. Assim, obras de referência, trabalhos que visam historiar o surgimento do termo e da noção de “enunciação” e estudos de divulgação na linguística se coadunam nessa atribuição a Benveniste de uma espécie de paternidade da chamada “teoria da enunciação”. Exemplos não faltam. Daremos apenas um, a título de ilustração. Paveau e Sarfati (2008, p. 170), embora reconheçam os primórdios dos estudos enunciativos em outros autores, são claros em afirmar: “é em Benveniste que encontramos a definição de enunciação original e tornada canônica”.

Gérard Dessons, por sua vez, no livro *Émile Benveniste, l'invention du discours*, assim se manifesta sobre o tratamento que, segundo ele, tem recebido, no escopo da linguística em geral, a reflexão enunciativa atribuída a Benveniste:

A problemática de Benveniste implica, em seus princípios teóricos mesmos, ultrapassar as ‘marcas formais’ da enunciação [...]. Essas considerações são importantes, na medida em que a atualização das marcas formais da enunciação representa, em geral, chegando à caricatura, o que se retém da teoria da enunciação. Acontece aqui o que acontece com outros sistemas de pensamento (e, em primeiro lugar, com a linguística de Saussure): a redução de uma teoria aos dados formais, esquemáticos, diretamente “utilizáveis” por procedimentos heurísticos ou pedagógicos. Restringir a teoria da enunciação de Benveniste apenas às análises dos índices *ad hoc* da língua arrisca, com efeito, ocultar as perspectivas abertas pelo que constitui, antes de tudo, uma teoria geral da linguagem (DESSONS, 2006, p. 71, grifo do autor).

Dessons não deixa dúvidas em sua crítica: a “teoria da enunciação” imputada a Benveniste *não pode ser tratada apenas como uma linguística da descrição das marcas da enunciação no enunciado*. Tratá-la assim seria ignorar todas as potencialidades epistemológicas daquilo que, na realidade, ela é: uma teoria da linguagem. A que se deve essa crítica de Dessons?

Na verdade, é sabido que a condição disciplinar da linguística procede, muitas vezes em nome da “didatização” das teorias, a certos reducionismos, ignorando a epistemologia



subjacente aos modelos de análise linguística. O efeito disso é bastante nocivo: ao ensinar-se uma “metodologia” que não está ligada à reflexão teórica da qual faz parte, produz-se uma análise linguística atomizada e desprovida de valor epistemológico. Dito de outro modo, na faina de consolidar um lugar no Olimpo das ciências, a linguística se apressa em propor “métodos” vazios de conteúdo. A desconexão entre a epistemologia e o aparato metodológico e o consequente descritivismo são marcas do quase total isolamento disciplinar da linguística na atualidade.

Como diz Jean-Claude Milner, em *Introdução a uma ciência da linguagem*<sup>2</sup>, de 1989, “a linguística deseja ser ciência. Além desse desejo, ela não tem nenhum *status* e só lhe resta se confundir com as práticas, muito antigas e muito estimadas, que agrupamos sob o nome de gramática” (MILNER, 2021, p. 15, grifo do autor). Não é de estranhar que, em 1978, o mesmo Milner já antecipe um certo descrédito que viria a tocar o campo da linguística:

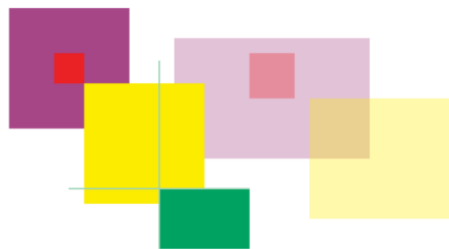
Hoje a linguística praticamente não desperta mais nenhum interesse — e, até mesmo, entedia. [...] Ademais, ela se pretende ciência e, mesmo não dando lugar a nenhuma técnica efetivamente garantida (enxergamos pouco além da pedagogia para a qual ela serve de validação), ela não passa disso e só subsiste mediante as escritas que a qualificam (MILNER, 2012, p. 119).

O destino dado a Benveniste na linguística em geral — em especial ao que se convencionou chamar a “teoria da enunciação” benvenistiana —, na maioria das vezes, não é muito distante do que diz Milner. Trata-se, quase sempre, de uma abordagem redutora que revela uma sucessão de equívocos.

O primeiro equívoco do qual Benveniste foi vítima decorre exatamente de uma interpretação estreita que assimila *pari passu* o programa enunciativo de pesquisa — esboçado pelo autor em um conjunto de textos aos quais se costuma chamar de “teoria da enunciação” — à totalidade da teoria da linguagem benvenistiana.

---

2 A tradução brasileira do livro, feita sob a nossa direção, foi recentemente publicada (cf. Referências bibliográficas).



Quer dizer: para muitos e em muitas interpretações, Benveniste é sinônimo de “teoria da enunciação”. Procedendo assim, esquece-se que o autor publicou 18 livros, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Sociedade Linguística de Paris (cf. MOÏNFAR, 1975)<sup>3</sup>. Além disso, Benveniste traduziu durante toda a sua carreira. Ora, não deixa de espantar que uma obra de tais dimensões seja reduzida a apenas uma perspectiva de interpretação.

Soma-se a essa realidade — já, em si, penosa — uma outra: nada indica que Benveniste teve, em algum momento, a intenção de efetivamente desenvolver uma “teoria da enunciação”. O termo está ausente de sua obra, mesmo dos textos aos quais normalmente se delimita a tal “teoria”. No máximo, encontramos um hápax, “semântica da enunciação”, em “Semiologia da língua”, texto de 1969, mas seu sentido é aí de difícil precisão, já que ele aparece em um contexto programático, no qual Benveniste fala da “elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 67). Como se esse não fosse um dado que deveria ser *per se* levado em conta, há outras evidências do que estamos dizendo. Por exemplo, Aya Ono, ao lembrar que a obra *Le lexique d'É. Benveniste* — editada por Jean-Claude Coquet<sup>4</sup> e Marc Derycke e publicada em dois volumes em 1971 e 1972 — não estampa o termo “enunciação”, mas apenas “enunciação de discurso” e “enunciação histórica”, considera que, “sabendo-se que Benveniste cooperou com a elaboração desse léxico, pode-se dizer que o linguista não estava ainda consciente do valor teórico da palavra em 1966” (ONO, 2007, p. 30, nota 2)<sup>5</sup>.

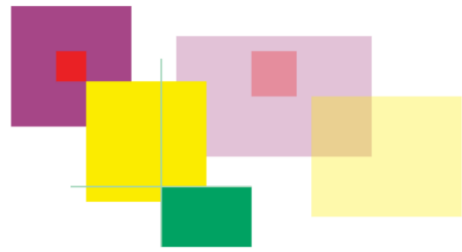
Então, é justo que nos indaguemos: queria Benveniste ter criado uma “teoria da enunciação”? Essa “teoria” seria efetivamente uma linguística da descrição das marcas da

---

3 Sobre a amplitude da obra de Benveniste e o recorte feito relativamente à reflexão enunciativa, ver Flores (2013, p. 20-23).

4 Em *Physis et logos: une phénoménologie du langage*, Coquet (2007, p. 111) faz um pequeno relato acerca da elaboração do *Lexique*.

5 No anexo 1, apresentamos a lista de termos constante no final do *Lexique*. Nossa intenção é dar a conhecer ao leitor o que, na época, foi considerado a terminologia de Benveniste. Especificamente sobre esse tema, vale ler o texto de Moïnfar, “Sur la terminologie de Benveniste”, publicado na revista *LINX* em 1997 (cf. Referências bibliográficas). Cabe consultar, também o “Apêndice – Terminologia de Benveniste”, presente em Flores (2013). Nesse livro, também se encontra um “Glossário” dos termos de Benveniste, utilizados em cada capítulo do livro.



enunciação no enunciado? Por fim: o potencial analítico da teoria da linguagem benvenistiana não permitiria ir além dessa mera descrição?

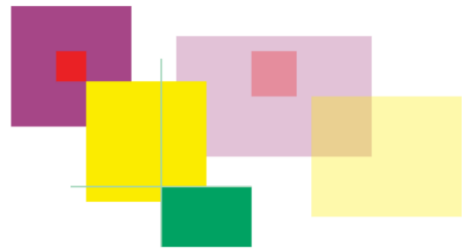
Postas essas questões, é tempo de explicitarmos nossos objetivos no presente texto. Como seu título anuncia, queremos, sim, lançar luzes sobre os aspectos metodológicos da reflexão benvenistiana sobre enunciação. No entanto, intencionamos fazer isso sem incorrer nos mesmos equívocos que listamos acima. Para tanto, elegemos como base de nosso trabalho apenas o artigo “O aparelho formal da enunciação”<sup>6</sup>. Assim procedendo, operamos com dois balizadores de nosso percurso: de um lado, não generalizamos, estendendo ao conjunto da obra alguns aspectos da reflexão de Benveniste que, segundo pensamos, são circunscritos apenas a esse texto do linguista; de outro lado, não ignoramos as dificuldades de leitura que impõe uma obra tão vasta e construída em um espaço de tempo tão amplo. Explicamo-nos.

Ao elegermos apenas “O aparelho”, analisando-o em sua imanência, evitamos tomar a parte pelo todo ou mesmo assimilar o todo à parte, o que impede planificações e simplificações teóricas. Assumimos, para tanto, o que está posto em Flores (2013) a respeito das dificuldades de leitura da reflexão enunciativa de Benveniste e que precisam ser contornadas pelos pesquisadores que sobre ela se debruçam. São elas:

- a. A amplitude da obra cujos números antes lembrados falam por si. Assim, estudar Benveniste impõe ao pesquisador que determine qual parte da obra está em exame, já que ela ultrapassa o campo da enunciação. Em outras palavras, obriga à escolha de um corpus teórico. O nosso corpus teórico, neste trabalho, é constituído apenas pelo artigo “O aparelho”.
- b. A necessidade da formulação clara de uma perspectiva de leitura, uma vez que a reflexão enunciativa de Benveniste se constrói à moda de uma complexa rede de termos, definições e noções.
- c. A admissão da incompletude da reflexão em torno da enunciação. Ou seja, como não há evidências de que Benveniste intencionava construir uma “teoria

---

6 Também denominado, aqui, de “O aparelho”.



da enunciação", não há, em nenhum lugar, a proposição explícita de um modelo da análise enunciativa. Consequentemente, cada texto de Benveniste propõe categorias de análise, teoriza sobre elas e desenvolve as análises dentro desses limites.

- d. A diacronia do pensamento de Benveniste. Em outras palavras, não cabe tratar sincronicamente o que foi produzido diacronicamente. Não podemos tomar os textos de Benveniste - aqui, textos voltados à enunciação - como se fossem contemporâneos um do outro. Respeitar a cronologia é fundamental.
- e. Por último, Flores (2013) fala na flutuação terminológica e conceitual em Benveniste. Diferentes textos têm termos com usos homonímicos, sinonímicos e polissêmicos. Isso também deve ser observado.

Finalmente, ao dedicarmos nossa atenção a apenas "O aparelho formal da enunciação", para dele derivar aspectos metodológicos da análise enunciativa, deixamos entrever uma hipótese segundo a qual é nesse texto que podemos encontrar um roteiro minimamente esboçado para a análise linguística enunciativa.

Para desenvolver nosso propósito aqui, fazemos o seguinte percurso: inicialmente (item 1), apresentamos ao leitor alguns elementos da exogênese do artigo; em seguida (cf. item 2), trazemos a nossa leitura do artigo, de modo a delinear os aspectos que interessam para a proposição de uma visada metodológica da enunciação; por último, fazemos as conclusões.

## 1 Apontamentos decorrentes da exogênese<sup>7</sup> de "O aparelho"

Conforme explica Fenoglio (2019, p. 121, nota 8), o dossiê genético<sup>8</sup> reconstituído do artigo "O aparelho formal da enunciação"<sup>9</sup> é oriundo do arquivo científico de manuscritos do

---

7 A noção de "exogênese" é ainda pouco trabalhada no Brasil. O termo "designa a dinâmica que move o trabalho de um escritor, quando ele busca, seleciona, modifica e integra textos, modelos ou informações cujas fontes são exteriores à sua própria escrita" (BIASI e GAHUNGU, 2020, n. p.). Essa definição faz parte da apresentação do número 51 da Revista Genesis (Manuscripts-Recherche-Invention), totalmente dedicado ao tema. Para maiores informações, ver: <https://journals.openedition.org/genesis/5484>.

8 Considera-se um dossiê genético o "conjunto de todos os testemunhos genéticos escritos, conservados de uma obra ou de um projeto de escritura, e classificado em função de sua cronologia das etapas sucessivas" (GRÉSILLON, 2007, p. 331).

9 O dossiê genético assim se apresenta (cf. FENOGLIO, 2019, p. 121):



linguista Émile Benveniste<sup>10</sup> que se encontram na Biblioteca Nacional da França (BNF) e estão conservados no Departamento de Manuscritos da biblioteca, na coleção “Papéis de orientalistas” (cotas PAP. OR. 29 a 63 e PAP. OR. 73)<sup>11</sup>.

Como se sabe, o artigo foi publicado no número 17 da revista *Langages*, em março de 1970, dedicado especialmente ao tema da “enunciação”, sob a organização de Tzvetan Todorov (1939–2017), que é quem solicita o artigo a Benveniste. Em 1974, “O aparelho” é republicado no segundo volume de *Problemas de linguística geral*, na segunda parte do livro, dedicada à “Comunicação”<sup>12</sup>.

Informa Fenoglio (2011, p. 265)<sup>13</sup> que o artigo foi escrito entre os meses de outubro de 1968 e julho de 1969. Essa datação, segundo ela, pode ser precisada em função das cartas de Tzvetan Todorov<sup>14</sup> para Benveniste, bem como das datas presentes nos manuscritos. Nesse sentido, podemos dizer que a época de elaboração do artigo coincide com a das últimas aulas de Benveniste no *Collège de France* (1968–1969)<sup>15</sup>, nas quais Benveniste aprofunda sua reflexão em torno da semiologia, a partir da distinção *semiótico/semântico*.

---

1) Três cartas de Tzvetan Todorov a Émile Benveniste (PAP., OR., caixa 53, env. 223, f° 134 a 139): pedido, orientações e reflexões na origem da escrita do artigo.

2) Notas (PAP. OR. caixa 51, env. 198, f° 478 a 521 e f° 526).

3) Rascunho (PAP. OR. caixa 51, env. 198, f° 452 a 477 e 496 a 500).

4) Texto datilografado relido (PAP., OR., caixa 53, env. 222, f° 107 a 121).

5) Jogo incompleto de provas para publicação (PAP., OR., caixa 53, env. 223, f° 123 a 133).

Importante ver que, em Fenoglio (2011, p. 272), encontramos referência a seis cartas de Todorov. No entanto, Fenoglio parece considerar apenas três para a análise que faz.

10 Para saber mais sobre esse e outros arquivos, consultar Brunet (2014).

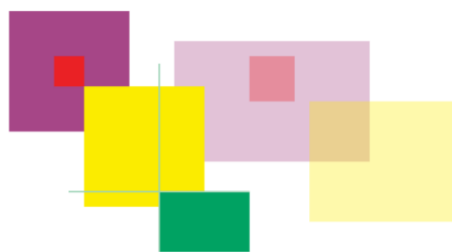
11 Sobre as notações utilizadas para designar o acervo neste artigo, ver o anexo 2 – Lista de notações utilizadas para referir o acervo Émile Benveniste.

12 Para uma análise detalhada do texto “O aparelho formal da enunciação”, ver Aresi (2012).

13 Boa parte das informações genéticas que trazemos sobre “O aparelho” advém do texto “Déplier l’écriture pensante pour re-lire l’article publié. Les manuscrits de ‘L’appareil formel da l’énonciation’ d’Émile Benveniste”, de Irène Fenoglio (2011).

14 Infelizmente, não se tem conhecimento de respostas de Benveniste às cartas. As cartas são apresentadas a seguir, em uma tradução nossa.

15 Ver Benveniste (2014).



Quis o destino que esses trabalhos — o de semiologia e o de enunciação — se colocassem entre os últimos produzidos por Benveniste, uma vez que, em 6 de dezembro de 1969, ele sofreu um acidente vascular cerebral que o deixou impossibilitado de trabalhar.

Para entendermos melhor o contexto de produção de “O aparelho”, pretendemos nos dedicar ao estudo — ao menos parcialmente — da exogênese do artigo, aqui circunscrita, inicialmente, apenas às cartas<sup>16</sup> de Todorov; em seguida, relacionamos essas cartas ao que diz Todorov acerca do artigo na “Introdução” que faz à revista *Langages*. Assim, de certa maneira, delimitamos um ponto de vista a respeito também da recepção do artigo no campo enunciativo.

A proximidade de Todorov com a obra benvenistiana é lembrada no posfácio que faz ao volume de *As últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*<sup>17</sup>. Ali encontramos algumas das motivações que o levaram a solicitar a Benveniste a redação de “O aparelho”:

Em 1966, a publicação do livro *Problèmes de linguistique générale* apresentou o nome de Benveniste a um público consideravelmente mais amplo; o número de assistentes do curso cresceu e nós, provavelmente, mudamos de sala. Foi nessa época, também, que eu fui apresentado a ele, talvez por intermédio de Roman Jakobson, que eu havia encontrado um tempo antes; mas nunca nos tornamos íntimos. Minha admiração diante de seu trabalho se mantinha; no mesmo ano de 1966, eu publiquei, na revista *Critique*, uma resenha elogiosa de seu livro, intitulada “La linguistique, science de l’homme”. Aquilo que, em sua obra, me atraía particularmente era sua atenção para as questões de sentido e para o que ele chamava de enunciação — aspectos da linguagem que, para os estudos literários, me pareciam de grande pertinência. **Foi nesse contexto que eu pedi que colaborasse com um texto para o número especial da revista *Langages*, dedicado à “Enunciação”. Esse texto — “L’appareil formel de l’énonciation” — deve ser um dos últimos que ele escreveu** (TODOROV, 2014, p. 244-245, itálicos do autor, negritos nossos).

Começamos nosso estudo, portanto, pelas cartas.

---

16 Fenoglio (2011, p. 272) considera a correspondência de Todorov parte do dossiê genético de “O aparelho”. Ela defende que são documentos de “paragênese” ou “exogênese” porque “estabelecem uma demanda, propõem orientações e reflexões que estão na origem de escrita do artigo” (FENOGLIO, 2011, p. 272).

17 Cf. Todorov (2014).





Em uma carta datada de 30 de setembro de 1968, lemos o convite dirigido a Benveniste para fazer parte da revista:

|   |   |
|---|---|
| <p>Je suis chargé par le comité de rédaction de la revue <i>Langages</i> d'“éditer” un numéro sur l'étude de l'énonciation. J'ai proposé ce thème en pensant particulièrement aux travaux que vous lui avez consacrés et dans la perspective que vous avez tracée. Je souhaite vivement que vous puissiez collaborer à ce numéro ; plus même, il ne se justifie que si vous pouvez nous accorder cette collaboration. La raison en est double : vous savez d'une part l'admiration que je porte à vos travaux; d'autre part, vous êtes littéralement celui qui a introduit ce thème dans la linguistique contemporaine.</p> | <p>Eu fui encarregado pelo comitê de redação da revista <i>Langages</i> de “editar” um número sobre o estudo da enunciação. Propus este tema pensando particularmente nos trabalhos que o senhor dedicou à enunciação e na perspectiva que o senhor delineou. Eu realmente espero que o senhor possa colaborar com este número; mais ainda, ele somente se justifica se o senhor puder nos conceder essa colaboração. A razão disso é dupla: por um lado, o senhor sabe a admiração que tenho pelos seus trabalhos; por outro lado, o senhor é literalmente quem introduziu esse tema na linguística contemporânea.</p> |
|---|---|

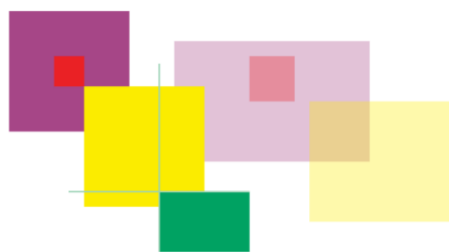
Quadro 1 – Carta de Todorov a Benveniste

(PAP OR 53, Env. 223, fº 134) (TODOROV, 1968 apud FENOGLIO, 2011, p. 275)

Vale destacar, nessa carta, de um lado, o reconhecimento da existência do campo de “estudo da enunciação” — o que justificaria a edição de um “número” da revista sobre o tema —, de outro lado, a consideração de Benveniste como expoente de maior envergadura do campo. Todorov é claro em afirmar que Benveniste é “literalmente quem introduziu esse tema [da enunciação] na linguística contemporânea”. Além disso, reconhece que Benveniste *consagrou* trabalhos ao tema e *delineou uma perspectiva* própria de abordagem.

Vejamos agora a carta datada de 6 de outubro de 1968. Nesse caso, a carta parece responder a alguma demanda de informação de Benveniste (cf. FENOGLIO, 2011, p. 275-276).

|   |   |
|---|---|
| <p>Il faut d'abord poser la distinction entre la langue comme système formel de signes et</p> | <p>É preciso inicialmente distinguir entre a língua como sistema formal de signos e o</p> |
|---|---|

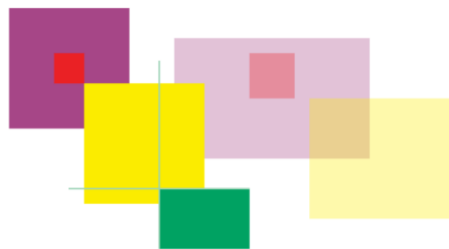


|   |   |
|---|---|
| <p>le discours comme acte individuel d'utilisation de la langue. Je préfère cependant le terme d'énonciation à celui de discours, car ce dernier peut également devenir le synonyme d'"énoncé" (par ex. "le discours politique", "tenir un discours"). Énonciation s'oppose donc : a) à langue et b) à énoncé ; mais non à réception (n'est pas synonyme d'"émission"); le procès d'énonciation englobe l'émission, la transmission, la réception, l'émetteur, le récepteur, le contexte.</p> <p>Cet acte individuel d'utilisation ne peut être comparé à celui de l'utilisation d'un instrument quelconque, car la langue subit des transformations au moment de l'énonciation. Une série de signes particuliers, à caractère indicial plutôt que symbolique, ne reçoivent un sens que dans le procès d'énonciation. Ainsi de certains pronoms (le problème de la deixis), adverbes, temps du verbe, modes (vocatif, impératif). La description de leur fonctionnement constitue le premier pas dans l'étude de l'énonciation.</p> | <p>discurso como ato individual de utilização da língua. No entanto, prefiro o termo enunciação a discurso, já que este último também pode se tornar sinônimo de "enunciado" (por exemplo, "discurso político", "fazer um discurso"). A enunciação se opõe, portanto: a) à língua e b) ao enunciado; mas não à recepção (ela não é sinônimo de "emissão"); o processo de enunciação engloba a emissão, a transmissão, a recepção, o emissor, o receptor, o contexto.</p> <p>Esse ato individual de utilização não pode ser comparado ao de utilização de um instrumento qualquer, pois a língua sofre transformações no momento da enunciação. Uma série de signos particulares, de natureza mais indicial do que simbólica, recebe sentido apenas no processo de enunciação. Assim, certos pronomes (o problema da dêixis), advérbios, tempos do verbo, modos (vocativo, imperativo). A descrição de seu funcionamento constitui o primeiro passo no estudo da enunciação.</p> |
|---|---|

Quadro 2 – Carta de Todorov a Benveniste

(PAP OR 53, Env. 223, fº 135) (TODOROV, 1968 apud FENOGLIO, 2011, p. 275-276)

Nessa carta, vemos claramente que as ponderações de Todorov pautaram, em grande medida, a elaboração de "O aparelho". Formulações como "ato individual de utilização da língua", a distinção entre "língua como sistema formal de signos" e "o discurso como ato individual de utilização da língua", o "caráter indicial" de alguns signos etc. estão presentes no



texto final publicado de “O aparelho”. Observe-se que esta carta tem um “tom” mais diretivo do enfoque a ser dado ao tema.

Por fim, destacamos, a seguir, a carta, também de Todorov, de 2 de agosto de 1969.

|   |  |
|---|--|
| <p>Cher Monsieur,<br/>Je vous renvoie ici votre manuscrit comme promis, après l'avoir recopié à la machine. Permettez-moi de vous dire combien j'ai admiré la manière magistrale dont vous posez les problèmes de l'énonciation. Mon seul regret est que vous ne consacriez à ces questions beaucoup plus de pages – un livre que vous êtes le seul capable à écrire. Votre texte rend d'ailleurs presque inutile l'introduction que je voulais écrire.</p> | <p>Caro senhor,<br/>Devolvo-lhe, aqui, seu manuscrito, como prometido, após tê-lo copiado à máquina. Permita-me dizer o quanto admirei a maneira magistral com a qual o senhor coloca os problemas da enunciação. Meu único pesar é que o senhor não tenha consagrado a essas questões mais páginas — um livro que apenas o senhor seria capaz de escrever. Seu texto, além do mais, torna a introdução que eu queria escrever quase inútil.</p> |
|---|--|

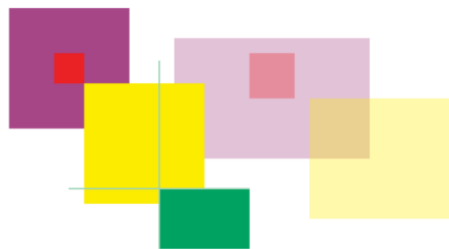
Quadro 3 – Carta de Todorov a Benveniste

(PAP OR 63, Env. 266, fº 58) (TODOROV, 1969 apud FENOGLIO, 2011, p. 276)

Nessa carta, lemos que Todorov reenvia o manuscrito de “O aparelho” para revisão final de Benveniste, fazendo uma espécie de comentário ao conjunto do artigo. Ele lamenta a pouca extensão do artigo em contraposição ao muito que Benveniste teria ainda a dizer sobre o tema, o que faz Todorov, inclusive, sugerir a escrita de um livro sobre a enunciação.

O que gostaríamos de destacar do exposto até aqui, tendo em vista nossos objetivos, é que a interlocução de Todorov com Benveniste delinea claramente o público a que se destina o artigo: um público amplo de linguistas. Daí é que vemos, na primeira carta, o reconhecimento do pioneirismo de Benveniste no âmbito da “linguística contemporânea”. Ora, sendo um texto dirigido a linguistas e tendo tão claramente delimitado o ponto de vista linguístico de abordagem do tema, é de se esperar que Benveniste tenha, ao menos em parte, sintetizado de maneira mais precisa suas ideias em torno da ideia de enunciação.

Dito de outro modo, as cartas de Todorov deixam entrever o objetivo de balizar a reflexão de Benveniste de forma que ela se torne compreensível a um amplo público de linguistas, que é o público predominante da revista. Isso, em se tratando de Benveniste, tem



uma considerável pertinência, uma vez que o linguista publicou muitos dos textos considerados enunciativos ou no *Bulletin de la Société de Linguistique* — um público bastante restrito de linguistas — ou em periódicos de outras áreas (filosofia e psicologia, por exemplo). O próprio Todorov explica, no “Posfácio” às *Últimas aulas de Benveniste* (2014), ao relatar a sua experiência de aluno de Benveniste nos cursos ministrados no Collège de France, que, “em 1966, a publicação do livro *Problèmes de linguistique générale* apresentou o nome de Benveniste a um público consideravelmente mais amplo; o número de assistentes do curso cresceu e nós, provavelmente, mudamos de sala” (TODOROV, 2014, p. 244, grifo do autor).

Portanto, “O aparelho” aparece em um contexto pós-publicação do primeiro volume de *Problemas de linguística geral*. Tudo indica que entre 1966 e 1970 se consolida uma “ideia enunciativa”, e o artigo de Benveniste viria para ser pedra fundamental desse movimento.

Passemos agora ao exame do que diz Todorov estando já de posse de “O aparelho” em seu trabalho de organização da revista *Langages*.

As ideias que aparecem no conjunto das cartas têm grande correspondência com o que coloca Todorov em sua “Introdução” à revista *Langages*. Após citar várias passagens do artigo de Benveniste, diz Todorov (1970, p. 7, grifo do autor):

Não é por acaso que citamos, anteriormente, várias frases de Émile Benveniste: nesse domínio, Benveniste desempenhou (e continua a desempenhar) um papel de verdadeiro precursor, ao oferecer uma teoria geral dos signos indiciais (em particular em seu estudo sobre *A natureza dos pronomes*) e as primeiras descrições rigorosas das formas francesas de vários deles: o tempo, a pessoa, os verbos de fala.

Além disso, Todorov se remete a Benveniste em vários outros momentos de sua “Introdução”. Em todos, o linguista é convocado como uma espécie de argumento de autoridade para as afirmações de Todorov.

Esse pequeno percurso que fizemos por dados exogenéticos de “O aparelho” nos permite entender — e concordar com — a avaliação de Ono de que o artigo

é considerado atualmente como um dos textos que anunciam o surgimento de um novo paradigma<sup>18</sup> na história das ciências da linguagem. Nesse artigo,

---

18 Interessante considerar também a hipótese defendida por Aresi (2012, p. 15-16), para quem “o texto benvenistiano de 1970 representa simultaneamente um ‘texto-síntese’ e um ‘texto-programa’ da teoria, na medida



Benveniste tenta traçar os contornos da noção de “enunciação”, termo central de numerosas pesquisas atuais (ONO, 2007, p. 94).

Quer dizer, a convocação de Todorov a Benveniste é do lugar de quem o reconhece como um fundador de teorização.

## 2 Direções de leitura de “O aparelho formal da enunciação”

Muitas são as possibilidades de ler<sup>19</sup> “O aparelho”, um texto que conheceu notoriedade e que é fundador de um modo de fazer linguística. Nós esboçaremos aqui um percurso bastante esquemático com a intenção de sinalizar caminhos possíveis que o texto sugere.

### 2.1 As grandes linhas do texto

Um dos primeiros pontos que chama a atenção do leitor que entra em contato com o artigo “O aparelho formal da enunciação” é a aparente falta de coesão temática do texto. Dito de outro modo, em uma primeira leitura de “O aparelho”, tem-se a sensação de que ele trata de muitos assuntos que não necessariamente convergem para um centro comum. Isso se mostra se dividimos o artigo em alguns blocos temáticos.

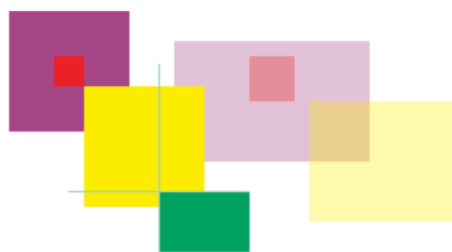
O primeiro — que compreende os quatro primeiros parágrafos — estabelece uma distinção no interior da disciplina linguística. Benveniste distingue entre “as condições de emprego das formas” e as “condições de emprego da língua”:

As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos

---

em que reúne uma preocupação corrente em textos anteriores de descrever a instância do ‘homem na língua’ através das formas e mecanismos desta, ao mesmo tempo em que coloca questões de ordem enunciativa de forma programática para a linguística. Em outras palavras, acredito que O aparelho se configura como um ‘ponto de chegada’ da teoria esboçada por Benveniste, condensando reflexões desenvolvidas anteriormente sob a forma de um quadro formal esquemático da enunciação, ao mesmo tempo em que abre a reflexão enunciativa a outras possibilidades de análise, ou como o autor mesmo afirma, ‘muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação’ (PLGII, p. 90)”.

19 Gostaríamos de destacar ao menos quatro: o livro de Aya Ono (2007), *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, que faz uma análise detalhada do artigo para, a partir dele, ver a gênese da noção de enunciação na obra; o artigo de Irène Fenoglio (2011), “Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié. Les manuscrits de 'L'appareil formel de l'énonciation' d'Émile Benveniste”, que se baseia no dossiê genético de “O aparelho”; o trabalho exegético de Aresi (2012), *Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste: uma exegese de O aparelho formal da enunciação*; e o texto de Flores (2019b), “Teoria da Enunciação”, uma síntese com vistas à apreensão de um modelo de análise da enunciação com base em “O aparelho”. Além disso, nossas considerações aqui levam em conta os trabalhos que fizemos nos últimos anos em torno da obra de Benveniste. Todos constam na seção de Referências bibliográficas.



diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar (BENVENISTE, 1989, p. 81).

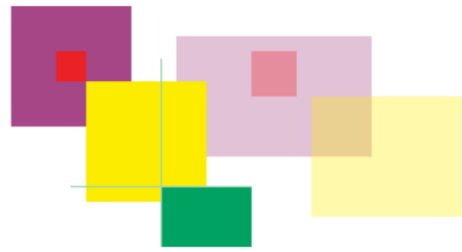
De certa maneira, podemos dizer que Benveniste considera que há duas perspectivas linguísticas: a que visa às formas e a que visa à língua em seu emprego. Chamamos esse primeiro bloco do texto de “contextual”, quer dizer, ele serve para delinear o contexto disciplinar no qual Benveniste inscreve a problemática enunciativa.

O segundo bloco, ao que tudo indica, se liga ao anterior pela ideia de “emprego da língua”. Mas, na verdade, há aqui uma aparente “quebra” no texto: Benveniste apresenta de maneira direta — quase abrupta — a definição de enunciação. Esse segundo bloco, que chamamos de “definicional”, abrange uma grande parte do artigo (entre o quinto e o vigésimo nono parágrafo).

Estamos aqui no cerne do artigo. Nele, Benveniste apresenta, além da definição canônica de enunciação, os diferentes aspectos que a constituem (a realização vocal, a conversão da língua em discurso, o quadro formal de realização da enunciação), prioriza um desses aspectos (o quadro formal de realização da enunciação) e passa da descrição “abstrata” da enunciação à abordagem de “fenômenos” que a ilustrariam (índices de pessoa, índices de ostensão, formas temporais etc.).

Chama atenção ainda, nesse bloco, o fato de, após uma lista sucessiva de fenômenos, Benveniste retornar à atitude de propor uma definição de enunciação. Quer dizer, Benveniste parte de uma definição — “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82) — e chega a uma outra definição — “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 1989, p. 87, grifo do autor).

O terceiro bloco se liga ao anterior, segundo pensamos, exatamente aqui. Benveniste passa a falar do “*quadro figurativo*” da enunciação, do diálogo. É isso que o leva a questionar se “pode haver diálogo fora da enunciação, ou enunciação sem diálogo” (BENVENISTE, 1989, p. 87). Esse bloco, que chamamos de “prospectivo”, apresenta uma série de “problemas” que trazem a consideração da enunciação na linguística (a pertinência ou não da distinção diálogo/enunciação, o monólogo, a *comunhão fática* a partir de Malinowski, as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia, a distinção enunciação falada/ enunciação



escrita). Todos esses “problemas” são, na verdade, “amplas perspectivas [que] se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui” (BENVENISTE, 1989, p. 90).

Nesse último bloco, pensamos que Benveniste amplia de tal maneira a discussão acerca da enunciação que extrapola os limites do linguístico *stricto sensu*, delineado pelas cartas de Todorov. É aqui que vemos se abrir uma perspectiva mais clara de abordagem antropológica da enunciação, uma vez que Benveniste se volta, no final de “O aparelho”, para as *figuras* da enunciação, os falantes.

## 2.2 Que caminho seguir?

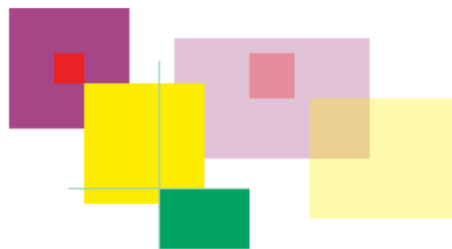
Ora, admitida a leitura que apresentamos acima, a única resposta possível à pergunta que serve de título para esta terceira parte é, numa paráfrase do próprio texto de Benveniste: amplos caminhos se abrem para o estudo de múltiplos aspectos da enunciação a partir do que Benveniste esboça em “O aparelho”. Explicamo-nos.

Não há uma única maneira de estudar a enunciação se tomamos “O aparelho” por base. Além da evidente amplitude da discussão que ali é proposta, não se pode ignorar a condensada teorização que subjaz a cada uma das partes do artigo. Daremos um exemplo.

Como destacamos anteriormente, quando, em “O aparelho”, Benveniste fala dos “diversos aspectos” do grande processo que é a enunciação, ele dá destaque a três. No entanto, ele não os aborda da mesma maneira.

O primeiro — “o mais imediatamente perceptível e o mais direto” (BENVENISTE, 1989, p. 82) — é “a realização vocal da língua”. Sobre esse aspecto Benveniste quase nada diz. Limita-se a citá-lo.

O segundo — o da “conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83), o da “semantização da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 83) — também é resumidamente apresentado. No entanto, Benveniste acrescenta, em nota de rodapé, uma informação que é fundamental: “Tratamos disso particularmente num estudo publicado pela revista *Semiótica*, I, 1969” (BENVENISTE, 1989, p. 83, nota 1), remetendo ao artigo “Semiologia da língua”, de 1969. Quer dizer, o próprio autor sinaliza o caminho que se deve tomar quando se tem interesse em abordar a enunciação pelo viés da “semantização”.



O terceiro — o que define a “enunciação no quadro formal de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83) — “é o objeto próprio destas páginas” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Dito de outro modo, tudo indica que a ideia de um “aparelho formal da enunciação” — que inclusive dá título ao artigo — decorre da consideração ao quadro formal de realização da enunciação. Para abordá-lo, Benveniste, a exemplo do que faz antes, também delinea um caminho por intermédio de duas notas de rodapé.

A segunda nota do artigo, quando ele fala no “aparelho necessário” da enunciação, diz:

Os detalhes dos fatos de língua que apresentamos aqui de um modo sintético, estão expostos em muitos capítulos de nossos *Problèmes de linguistique générale*, I (Paris, 1966), o que nos dispensa de insistir sobre eles (BENVENISTE, 1989, p. 85, nota 2, grifo do autor).

Claramente, aqui Benveniste incorpora, em seu artigo, o conjunto de artigos que são considerados parte da dita “teoria da enunciação”, em sua maioria integrantes da quinta parte dos *Problemas de linguística geral*, “O homem na língua”.

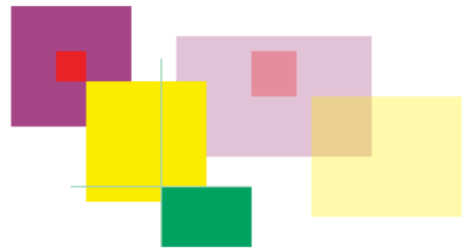
Já na terceira nota, quando fala da sui-reflexividade do “aparelho linguístico da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 88), Benveniste sugere “ver um artigo do BSL 60 (1965), fasc. I, p. 71 e ss.” (BENVENISTE, 1989, p. 88, nota 3), remetendo ao artigo “O antônimo e o pronome em francês moderno”, republicado no segundo volume de *Problemas de linguística geral* e integrante também da parte “O homem na língua”.

Ora, aceitando-se esse nosso raciocínio, fica fácil defender que “O aparelho” tem, em si, um grande potencial metodológico e há muitas formas de colocá-lo em evidência; no entanto a busca pelos “aspectos metodológicos” do texto não pode ofuscar a teoria da linguagem que dá-lhes sustentação. É sobre isso que falamos, a seguir, em uma palavra final.

## Conclusão

Conscientemente, fizemos um caminho sinuoso para defender que, apesar do direcionamento dado por Todorov à produção de “O aparelho formal da enunciação”, Benveniste não cede à didatização fácil. E isso, acreditamos, ao menos por um motivo: Benveniste se recusa a fazer da sua teorização sobre a enunciação uma “descrição” do “emprego das formas”. Se não fosse assim, ele estaria incorrendo em um contrassenso.





Isso é de grande importância: a “teoria da enunciação”, se ela existe, não é uma linguística das formas, mas uma linguística do “emprego da língua”. E o estudo do emprego da língua — “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 1989, p. 82) — não se limita à descrição de regras de emprego.

Vale repetir: para Benveniste são “dois mundos diferentes” (BENVENISTE, 1989, p. 81). E essa diferença diz respeito ao ponto de vista: é “uma outra maneira de ver as mesmas coisas” (BENVENISTE, 1989, p. 81). Essa *outra maneira* implica um outro jeito de *descrever* e de *interpretar* o emprego da língua. Esse outro jeito leva em conta a forma linguística, mas remete-a à “condição figurativa” da enunciação, na qual sempre estão implicados os falantes, os interlocutores.

Em nossa opinião, a “teoria da enunciação” de Benveniste somente tem propósito quando articulada a sua “teoria da linguagem”<sup>20</sup>. Independentemente do caminho metodológico seguido, essa articulação deve ser levada em conta.

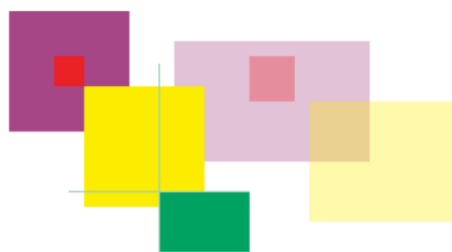
A favor do que estamos defendendo, gostaríamos de lembrar o que o filósofo Giorgio Agamben (2008, p. 139) chama de “aporia implícita” à ideia de *enunciação*:

Se a enunciação não se refere, conforme sabemos, ao texto do enunciado, mas ao fato de ele ter lugar, se ela não é senão o puro autorreferir-se da linguagem à instância de discurso em ato, em que sentido se poderá falar de uma “semântica da enunciação” (AGAMBEN, 2008, p. 139-140).

Para nós, operar com a noção de *enunciação* impõe atentar para o que Agamben tão sabiamente viu. A esse propósito, não deixa de chamar a atenção que as reflexões presentes nos textos de Benveniste aos quais se atribui a dita “teoria da enunciação” são muito diferentes daquelas que os linguistas fizeram, posteriormente, dizendo-se apoiados em Benveniste.

---

20 Fazemos um esboço disso em nosso livro Problemas gerais de linguística, em especial nos primeiro e segundo capítulos (FLORES, 2019a).



Ora, para nós, a dúvida permanece: a ideia de *enunção* benvenistiana realmente permite elaborar uma descrição das marcas da enunção no enunciado? Em que sentido se poderia dizer que esse foi o legado que Benveniste nos deixou?

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Homo Sacer II. Trad.: Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARESI, F. **Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste: uma exegese de O aparelho formal da enunção**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Trad.: Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

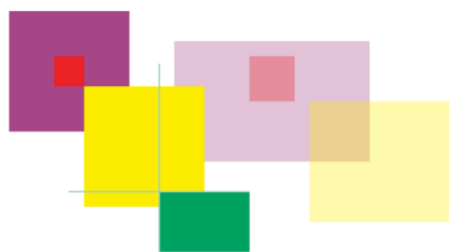
BIASI, P-M de; GAHUNGU, C. **Notes de la rédaction. Genesis (Manuscripts-Research-Invention)**, Paris, v. 51, 2020. DOI: 10.4000/genesis.5484. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/5484>. Acesso em: 24 ago. 2021.

BRUNET, É. Anexo 2. **Os papéis de Émile Benveniste**. In: BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Trad.: Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 235-242.

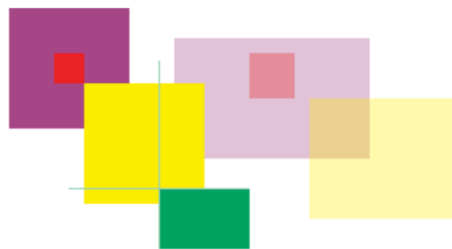
COQUET, J-C. **Physis et logos: une phénoménologie du langage**. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2007.

COQUET, J-C; DERYCKE, M. **Le lexique d'E. Benveniste. Vol. I – Documents de travail et pré-publications**. Urbino: Centro Internazionale di Semiótica e di Linguistica/Università di Urbino, 1971.

COQUET, J-C; DERYCKE, M. **Le lexique d'E. Benveniste. Vol. II – Documents de travail et pré-publication**. Urbino: Centro Internazionale di Semiótica e di Linguistica/Università di Urbino, 1972.



- DESSONS, G. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.
- FENOGLIO, I. **Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié. Les manuscrits de « L'appareil formel de l'énonciation » d'Émile Benveniste**. In: BRUNET, É.; MAHRER, R. (Orgs.). *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Louvain-la-Neuve: L'Harmattan Academia, 2011. p. 263-304.
- FENOGLIO, I. **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Trad.: Amanda Eloina Scherer et al. Brasília: Editora UnB, 2019.
- FLORES, V. do N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- FLORES, V. do N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019a.
- FLORES, V. do N. **Teoria da Enunciação**. In: ROMERO, Márcia et al. (Orgs.). *Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação*. Petrópolis: Vozes, 2019b. p. 145-173.
- GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Trad.: Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2007.
- MILNER, J-C. **Introdução a uma ciência da linguagem**. Trad.: Daniel Costa da Silva et al. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- MILNER, J-C. **O amor da língua**. Trad.: Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.
- MOÏNFAR, M. D. **Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste**. In: MOÏNFAR, M. D. *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*. Paris/Louvain: Société Linguistique de Paris/Peeters, 1975. p. IX-LIII.
- MOÏNFAR, M. D. **Sur la terminologie de Benveniste**. *Linx*, Paris, n. 9, p. 365-374, 1997. DOI: 10.4000/linx.1085. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1085>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- ONO, A. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.
- PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-E. **Les grandes théories de la linguistique. De la grammaire comparée à la pragmatique**. Paris: A. Colin, 2008.



TODOROV, T. Posfácio. **Émile Benveniste, o destino de um erudito**. In: BENVENISTE, É. Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969). Trad.: Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 243-262.

TODOROV, T. **Problèmes de l'énonciation**. Langages, Paris, n. 17, p. 3-11, 1970. DOI: 10.3406/lgge.1970.2571. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1970\\_num\\_5\\_17\\_2571](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1970_num_5_17_2571). Acesso em: 24 ago. 2021.

Data de submissão: 21/11/2022

Data de aceite: 06/06/2023



## Anexo I – Fac-símile da lista de termos do *Lexique d'E. Benveniste*

|  |                             |
|--|-----------------------------|
| Actif                                  | Discours indirect           |
| <i>Allocution</i>                      | Distribution                |
| Alphabet                               | Donné linguistique          |
| Analyse                                |                             |
| <i>Analyse diachronique</i>            | <i>Elément</i>              |
| Antériorité                            | Enonciation de discours     |
| <i>Abeille</i>                         | Enoncé personnel fini       |
| Aoriste                                | Enonciation historique      |
| Arbitraire                             | Entité linguistique         |
| <i>Assertif (-ve)</i>                  | <i>Equilibre</i>            |
| <i>Autonome</i>                        | <i>Etre</i>                 |
| <i>Auxiliant</i>                       |                             |
| Auxiliant et auxilié                   | <i>Fonction</i>             |
| Auxiliation                            | <i>Fonctions du langage</i> |
| Auxiliation de diathèse                | Fonction verbale            |
| Auxiliation de modalité                | <i>Formalisation</i>        |
| Auxiliation de temporalité             | Forme                       |
| <i>Auxilié</i>                         | Forme et sens               |
| <i>Avoir</i>                           | Forme verbale               |
| Avoir et être                          | <i>Formel</i>               |
|  | Futur                       |
| Catégorématique                        |                             |
| Catégorie mentale                      | <i>Génitif latin</i>        |
| Catégorie morphologique                | Grammaire générative        |
| Classe sémiotique                      |                             |
| Classification des langues             | <i>Hétérostathmique</i>     |
| Classification génétique des langues   | <i>Historique</i>           |
| Classification typologique des langues | Homostathmique              |
| Code                                   |                             |
| Communication chez les abeilles        | <i>Ici</i>                  |
| Composition                            | Il                          |
| Conglomeré                             | <i>Imparfait</i>            |
| <i>Conjugaison</i>                     | Impératif                   |
| <i>Constituant</i>                     | Indicateur                  |
| Copule                                 | Indicateur de subjectivité  |
| Culture                                | <i>Individu</i>             |
|  | <i>Infinif</i>              |
| <i>Deixis</i>                          | <i>Intégrant</i>            |
| Délocutif                              | Instances de discours       |
| Description                            | <i>Interrogatif</i>         |
| <i>Devoir</i>                          |                             |
| <i>Diachronie</i>                      | Je                          |
| <i>Diathèse</i>                        | Je et tu                    |
| Discours                               | <i>Joncteur</i>             |

77

Figura 2 – Primeira página da lista de termos do *Lexique d'E. Benveniste* (COQUET e DERYCKE, 1972, p. 77).



|                                   |                          |
|-----------------------------------|--------------------------|
| Langage                           | <i>Rhétorique</i>        |
| Langue                            |                          |
| Langue et discours                | Saussurien               |
| <i>Lexème</i>                     | Segmentation             |
| Linguistique                      | Sémantique               |
| Logique                           | <i>Sémio-catégorème</i>  |
| <i>Loi de la pensée</i>           | <i>Sémiologie</i>        |
|                                   | Sémio-phonème            |
| <i>Maintenant</i>                 | Sémiotique               |
| <i>Mérisme</i>                    | Sémiotique et sémantique |
| Modalisant                        | Sens                     |
| <i>Modalité</i>                   | Signal                   |
| Modèle                            | Signe                    |
| <i>Monophonématique</i>           | Signe vide               |
| <i>Morphème</i>                   | Signifiant               |
| Mot                               | <i>Signification</i>     |
| Moyen                             | <i>Signifié</i>          |
| Mutabilité                        | <i>Singulier</i>         |
|                                   | <i>Situation</i>         |
| <i>Négatif</i>                    | Société                  |
| Négation                          | Structuraliste           |
| Niveau                            | Structure                |
| <i>Nominal</i>                    | Style                    |
| <i>Nous</i>                       | <i>Substitution</i>      |
|                                   | Subjectivité             |
| Objet                             | <i>Subsynaptique</i>     |
|                                   | Sujet                    |
| <i>Paradigmatique</i>             | Surauxiliation           |
| Parfait                           | <i>Surmodalisation</i>   |
| <i>Parole</i>                     | <i>Symbole</i>           |
| <i>Passif</i>                     | Symboliser               |
| Performatif                       | Synapsie                 |
| Personne verbale                  | <i>Synchronie</i>        |
| <i>Phonématique</i>               | Synome                   |
| Phonème                           | <i>Syntagmatique</i>     |
| Phrase                            | Syntagme                 |
| Phrase nominale                   | Syntaxe                  |
| Phrase relative                   | Système                  |
| <i>Phrasème</i>                   |                          |
| <i>Pluriel</i>                    | <i>Temporalité</i>       |
| <i>Plus-Que-Parfait</i>           | Temps                    |
| <i>Positivisme</i>                | Temps composé            |
| <i>Pouvoir</i>                    | <i>Tendance</i>          |
| <i>Prédictat</i>                  | <i>Trait distinctif</i>  |
| Présent                           | <i>Transitivité</i>      |
| Pronom                            | Tu                       |
| Pronom personnel                  | Typologie                |
| <i>Proposition</i>                |                          |
| <i>Prospectif</i>                 | Unité                    |
| Psychanalyse et langage           | Unité distinctive        |
|                                   |                          |
| <i>Référend</i>                   | Valeur                   |
| Relation                          | <i>Verbal</i>            |
| <i>Relation distributionnelle</i> | Verbe                    |
| <i>Relation intégrative</i>       | Voix                     |
|                                   | <i>Vous</i>              |

78

Figura 2 – Segunda página da lista de termos do *Lexique d'E. Benveniste* (COQUET e DERYCKE, 1972, p. 78).

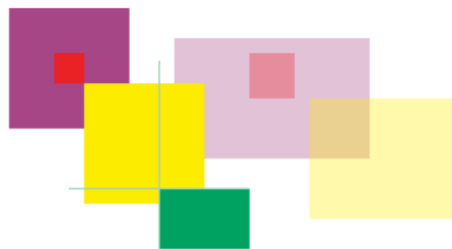
Anexo 2 – Lista de notações utilizadas para referir o acervo Émile Benveniste

**BNF:** Bibliothèque nationale de France

**CDF:** Collège de France

**DON:** doação

**env.:** envelope



**f°:** fólio

**OR.:** orientais

**PAP:** papéis

Assim, por exemplo, em:

- a) PAP, OR., caixa 40, env. 80, f° 4, lê-se "Papéis orientais, caixa 40, envelope 80, fólio 4.
- b) BNF, PAP. OR., caixa 40, env. 80, f° 88, lê-se "Bibliothèque nationale de France, Papéis orientais, caixa 40, envelope 80, fólio 88.
- c) CDF 28/18, lê-se: "Arquivos do Collège de France cota 28/18".